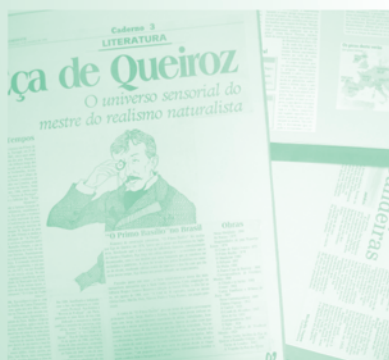


A Lingüística textual: texto e textualidade



Maria Antonieta Holanda Carvalho
Maria Irene Rodrigues de Lima



Governador do Estado
Lúcio Gonçalo de Alcântara

Vice Governador do Estado
Francisco de Queiroz Maia Júnior

Secretária da Educação Básica
Sofia Lerche Vieira

Secretário Adjunto da Educação Básica
Luís Eduardo de Menezes Lima

Secretária Executiva
Arleida Maria de Queiroz

Coordenadoria de Planejamento e Política Educacional
Eloísa Maia Vidal

Coordenadoria de Articulação e Gestão Educacional
Maria Marlene Amâncio Vieira

Coordenadoria de Monitoramento e Controle
Edson Seabra Júnior

Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico Pedagógico
Silvana Góis Nogueira

Célula de Gestão de Recursos Humanos
Maria Estefânia Pinheiro Cavalcante

Unidade de Gerenciamento de Projetos
Edlourdes Pires Moura Coelho

Edições SEDUC

Coordenação Editorial
Eloísa Maia Vidal

Capa e Projeto Gráfico
Roberto Santos

Editoração Eletrônica
Edições Bagaço

Revisão
Elenita Maciel
Fernanda Caldas

Catologação na Fonte
BPEP

Este projeto conta com o apoio do acordo de empréstimo N° 4591/BR do Banco Mundial

C387I

Ceará. Secretaria da Educação Básica

A lingüística textual: texto e textualidade / SEDUC; Maria Antonieta Hollanda Carvalho e Maria Irene Rodrigues de Lima. et. al – Fortaleza: SEDUC, 2005.

56p.

ISBN - 85-373-0022-5

1. LINGÜÍSTICA – TEXTO – TEXTUALIDADE – ENSINO MÉDIO.
2. LÍNGUA PORTUGUESA – DEFINIÇÃO DE TEXTO E TEXTUALIDADE. 3. FUNDAMENTAÇÃO DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL. 4. ATIVIDADES – EXERCÍCIOS. I. CARVALHO, MARIA ANTONIETA HOLANDA. II. LIMA, MARIA IRENE RODRIGUES DE. III. título.

CDU 372.4

CDD 372.4

Todos os direitos desta edição são reservados à Secretaria da Educação Básica.
Centro Administrativo Governador Virgílio Távora
Av. Gen. Afonso Albuquerque s/n, Cambéba
60.819900 Fortaleza Ceará Brasil
www.seduc.ce.gov.br

Apresentação

A produção destes módulos pela Secretaria da Educação Básica do Ceará tem como objetivo subsidiar teórica e metodologicamente os professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio da rede estadual, na perspectiva de um processo produtivo de ensino e aprendizagem da língua, voltado para o uso que dela se faz nas diversas situações comunicativas a que o usuário está exposto nas práticas sociais.

Em conformidade com as pesquisas no campo da Linguística, o usuário apreende o funcionamento da língua em interação com o outro e o contexto sociocultural em que está inserido. Como se lê nos PCNEM (2002, p. 139): "**a interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo [...]**". Assim, compreendendo a apreensão e funcionamento da língua como um fato natural, o ensino e a aprendizagem dos fatos lingüísticos devem incorporar a simplicidade e a naturalidade inerentes ao ato interlocutivo.

No entanto, ainda é grande a angústia em grande número de professores no que se refere a uma prática pedagógica voltada para o uso social da língua. Entre outras causas, essa angústia pode ser motivada, possivelmente, por falta de atualização dos docentes ou por um currículo universitário igualmente desatualizado, não comprometido com a qualidade da formação do profissional.

Por via de consequência, o impacto disso repercute negativamente no desempenho dos alunos tanto no âmbito da avaliação desenvolvida pela unidade escolar quanto nas avaliações externas, considerando que nestas últimas são avaliadas competências não desenvolvidas pela escola. Também, como efeito dominó, coopera para a exclusão dos estudantes mais pobres, que têm o acesso vetado a espaços privilegiados da ciência, da cultura e do mundo do trabalho pela não-aquisição dos saberes necessários e das habilidades exigidas pelo mundo moderno; enfim, destrói os sonhos acalentados por milhares de jovens que, abalados em sua auto-estima, transformam-se em adultos sem perspectivas pela não-consolidação da cidadania buscada.

Na perspectiva de minimizar esse impacto danoso, os módulos ora apresentados propiciam a atualização do professor, promovendo uma formação continuada e em serviço, pelo esclarecimento de alguns conceitos básicos da Linguística e demonstração da sua aplicabilidade na sala de aula, permitindo, assim, uma articulação entre teoria e prática, favorecendo, simultaneamente, o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem em consonância com as mais recentes abordagens de ensino da língua.

Essa iniciativa traduz, portanto, o esforço da Secretaria da Educação Básica do Ceará de oferecer subsídios e orientações para as atividades pedagógicas do professorado de Língua Portuguesa do Ensino Médio, sem que isso, venha, contudo, a comprometer o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelos mestres em favor de uma educação de qualidade para os jovens cearenses.

Sofia Lerche Vieira
Secretária da Educação Básica do Ceará

Sumário

Apresentação	3
Introdução	7
1. Texto e textualidade	11
1.1 Definição de texto	14
1.2 Textualidade	15
1.3 Fatores de textualidade	15
2. Análise dos mecanismos de coeção referencial	28
Atividades	44
Glossário	52
Bibliografia Comentada	53
Ficha Técnica	55

Introdução

O material que ora chega às suas mãos, professor(a), teve como fator desencadeador a pesquisa realizada, em 2003, pela Secretaria da Educação Básica do Ceará (SEDUC), através da Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico Pedagógico/Célula do Ensino Médio, sobre o currículo real, das diversas disciplinas, desenvolvido nas escolas desse nível de ensino.

No caso mais específico de Língua Portuguesa, a análise dos dados dessa pesquisa teve por base as categorias técnico-científicas da disciplina, assim distribuídas: literatura (incluindo estilística); língua/linguagem; gramática (incluindo fonética/fonologia, morfologia, sintaxe e morfossintaxe); convenções da escrita; leitura, compreensão e interpretação; produção textual; aspectos textuais; variação lingüística; aspectos léxico-semânticos e linguagem oral.

Consideradas essas categorias, a análise dos dados revelou que o conteúdo referente à **literatura apresentou o mais elevado percentual de incidência com 26,6%, seguida de gramática com 23,4%; aspectos textuais com 14,5%; produção textual com 12,3%; leitura, compreensão e interpretação com 9%; convenções da escrita com 7,8%; língua/linguagem com 2,3%; linguagem oral com 2,2%; aspectos léxico-semânticos com 1,8% e, por último, variação lingüística com 0,2%, percentual sem nenhuma relevância estatística.**

Como se constata, categorias de grande relevância não foram priorizadas, conforme deveriam, a exemplo da variação lingüística com 0,2%; da estilística com 1,9% (incluída na literatura); da linguagem oral com 2,2%, configurando-se, assim, duas situações polarizadas: numa ponta – a real, refletida na pesquisa e, na outra – a desejada, refletida nos Referenciais Curriculares Básicos (RCB) para o ensino de Língua Portuguesa nas escolas do Ensino Médio da rede estadual, elaborados à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), sobre os quais incidem avaliações externas como a desenvolvida pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

A diferença em ambas as situações demonstra que, apesar da reformulação por que vem passando o ensino e a aprendizagem da língua materna, com orientações metodológicas e objetivos voltados para o uso que dela se faz nas práticas sociais, isso ainda não se efetivou no fazer pedagógico de grande parte dos profissionais. Assim, percebe-se um descompasso entre as orientações contidas na proposta curricular de Língua Portuguesa e a sua efetiva operacionalização nas escolas da rede estadual.

Considerando que avaliações externas têm por base os PCNEM, isso acarreta implicações diretas para o insucesso do aluno, como se observa no paralelo entre as categorias anteriormente mencionadas e a representatividade destas nas temáticas do SAEB:

- **Literatura:** exageradamente focalizada nas escolas de Ensino Médio do Ceará, perpassa apenas uma temática do SAEB com percentual equivalente a 6%.
- **Gramática:** apresenta a segunda maior incidência de trabalho na escola com 23,4%, é aferida, implicitamente, em três temáticas do SAEB correspondendo a um percentual de 8,4%.
- **Leitura, compreensão e interpretação:** foco do ensino da língua materna, sobre o qual se debruça o SAEB, apresenta um percentual correspondente a 26,4%, enquanto na escola o trabalho dedicado a essa temática atinge apenas 9%.
- **Aspectos textuais:** com incidência percentual no SAEB de 20%, apresentam o índice de 14,5% de ensino na escola. Vale ressaltar que o conhecimento dos diversos gêneros textuais são de suma importância para a formação do leitor e, conseqüentemente, para a construção da cidadania.
- **Escrita:** apesar de ser uma habilidade não aferida pelo SAEB, requer uma atenção mais concentrada da escola, tendo em vista que leitura e escrita representam um binômio de fundamental importância para a aprendizagem da língua e das diversas disciplinas.
- **Variação lingüística:** com resultado quase nulo de 0,2% no trabalho da escola, é um dos temas do SAEB, com 7% de representação nos descritores, sendo abordada como de suma importância em toda bibliografia atual, inclusive nos PCNEM, considerando que uma das características mais forte da língua é a variação, representada pelo dinamismo que lhe é inerente, dada a sua natureza social.
- **Aspectos léxico-semânticos:** com percentual de 1,8% indicativo do trabalho na escola e com 14% de representação no SAEB, necessita de uma atenção maior do docente, tendo em vista que o ensino e a aprendizagem de qualquer tema não pode prescindir dos estudos do significado e do sentido das palavras nos diversos contextos em que estão inseridas.
- **Linguagem oral:** com índice percentual de 2,2% na escola e com 7% de representação no SAEB, essa categoria apresenta uma defasagem no trabalho escolar que pode ser perniciososa ao sucesso dos alunos, tendo em vista que a expressão inadequada é fator de discriminação social. Vale ressaltar a importância da fala, primeira manifestação da linguagem verbal, para a interação entre os membros de todas as comunidades discursivas.

Reconhece-se, no entanto, que causas diversas, internas e externas à escola, contribuem para esse descompasso. Dentre as internas, ressalta-se a necessidade de atualização do professor, subsidiando-o em reconceptualizações sobre o estudo da língua na perspectiva de uma abordagem contemporânea, que forneça suportes para a aprendizagem, levando em conta a função e o uso do significado da

linguagem de forma a oferecer um ensino contextualizado, partindo, naturalmente, da vivência sociocultural do aluno.

No sentido de intervir positivamente nesse contexto, foi produzido quatro módulos, contendo subsídios teóricos e didático-metodológicos, com a finalidade de situar o docente nas novas abordagens de ensino da língua, proporcionando-lhe uma aproximação com os avanços obtidos na ciência da linguagem.

O objetivo geral de cada módulo é dado a conhecer ao leitor, por meio do **Iniciando a nossa conversa**; os objetivos específicos, por meio do **Para que essa conversa**; em **Apresentando o assunto**, mais especificamente, é explicitada a forma de organização e, por fim em **Iniciando o assunto** é apresentado o conteúdo do módulo. Na perspectiva de uma melhor orientação, cada módulo traz um glossário, atividades, sugestões de leitura e uma bibliografia básica de apoio ao docente.

O Módulo I, denominado **A Lingüística e o Ensino de Português**, apresenta os conceitos básicos da Lingüística, ponto de partida para o seu estudo. Aqui, por meio da relação intrínseca entre língua, sociedade e cultura é esclarecido, à luz da ciência, o porquê da variação lingüística, fenômeno que, sem exceção, afeta todas as línguas.

O Módulo II, intitulado **A Lingüística Textual: Texto e Textualidade**, avança na direção dos estudos da Lingüística, tendo como partida o texto, provoca uma reflexão sobre os variados mecanismos dos diferentes fatores de textualidade, tendo em vista o reconhecimento dos princípios que fundamentam a lingüística textual.

O Módulo III, **O Ensino da Leitura**, aborda aspectos que possibilitam conceber a leitura, como um ato interativo entre leitor e autor, como uma atividade cognitiva que conduz o leitor a desvendar, através de determinadas estratégias por ele desenvolvidas, não apenas o que está dito na superfície do texto, mas, principalmente, o que não está dito e consegue compreender, construindo um sentido para o texto.

O Módulo IV, **A Compreensão e a Produção dos Gêneros Textuais**, aborda aspectos relacionados à leitura e à escrita dos diversos gêneros textuais, priorizando a função social da língua nos diversos atos e formas de produção e compreensão funcionalmente diversificados.

Por fim professor(a), desejamos que cada módulo seja uma porta aberta a outras tantas que, na qual pelo seu esforço e dedicação, consiga penetrar e... multiplicar esse acesso em novas descobertas.



Iniciando nossa conversa

Você já observou, professor(a), que os nossos alunos do Ensino Médio apresentam grandes dificuldades em reconhecer um texto como um texto? Por que será que eles desconhecem os mecanismos que dão estrutura e legibilidade ao texto? Por que ignoram o que seja Lingüística Textual? O que lhes falta para obterem tais conhecimentos? Qual a responsabilidade que temos, como professores de Língua Portuguesa, diante dessa situação?

◆ ◆ ◆ Para que essa conversa? ◆ ◆ ◆

Diante dessas indagações, propomo-nos esclarecer as dúvidas que se têm a esse respeito. Explicando melhor: o estudo que iniciamos, neste módulo, é uma reflexão sobre os variados mecanismos dos diferentes fatores de textualidade, tendo em vista o reconhecimento dos princípios que fundamentam a lingüística textual.

Pretendemos, também, através das atividades propostas, mostrar como deve ser a atuação do professor em sala de aula, diante de um ensino de língua materna, voltado exclusivamente para a formação de leitores e escritores proficientes.

A nossa intenção, professor é subsidiá-lo convenientemente, a fim de minimizar o problema tão sério que é a falta de leitura e de escrita dos usuários da língua, em especial, dos alunos de escola pública.



Apresentando o assunto

O módulo está organizado em seções, cada uma abordando fundamentações, atividades práticas e metodológicas no que se refere à noção de texto, à textualidade e aos fatores que a compõem, descrevendo os mecanismos que estruturam e dão legibilidade ao texto, permitindo a interação autor/leitor. Além das seções, há, também um glossário e uma bibliografia comentada. O estudo será desenvolvido da seguinte forma: primeiramente, ativaremos o seu conhecimento prévio, professor(a), sobre cada assunto a ser abordado; depois, apresentaremos a fundamentação teórica, para a confirmação ou não de suas antecipações.



Conversando sobre o assunto

1 Texto e textualidade

Antes de estabelecer um conceito sobre o que é texto e textualidade, observe as produções abaixo:

Exemplo I

O preto no branco

Manuel Bandeira

O preto no branco
A branca na areia
O preto no branco
A branca no ar
Silêncio na praia
De Copacabana.

A branca no branco
Dos olhos do preto
O preto no branco
A branca no preto
Negror absoluto
Sobre um mar de leite.
A branca de bruços
O preto pungente
O mar em soluços
A espuma inocente
Canícula branca
Pretidão ardente.

O preto no branco
A branca na areia
O preto no branco
A branca no ar
Silêncio na praia
De Copacabana.

A onda se alteia
Na verde laguna
A branca se enfunda
Se afunda na areia
O colo é uma duna
Que o sol incendeia.

O preto no branco
Da espuma da onda
A branca de flanco
Brancura redonda
O preto no branco
A gaiivota ronda.
O negro tomado
Da linha do asfalto
O espaço imantado:
De súbito um salto
E um grito na praia
De Copacabana.

(MORAES, M. V. M. Antologia Poética. 6.
ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1960. 196p.
p.160 - 161).

Exemplo 2

Ausência

*Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces.
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto.
No entanto, a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida.
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz.
Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado.
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados.
Para que eu possa levar uma gota de orvalho nesta terra amaldiçoada.
Que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado.
Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face.
Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada.
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo da noite.
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa.
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço.
E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono desordenado.
Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos.
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir.
E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas.
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada.*

(MORAES, M. V. M. Antologia Poética. 6ª ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1960. 196p. p. 15).

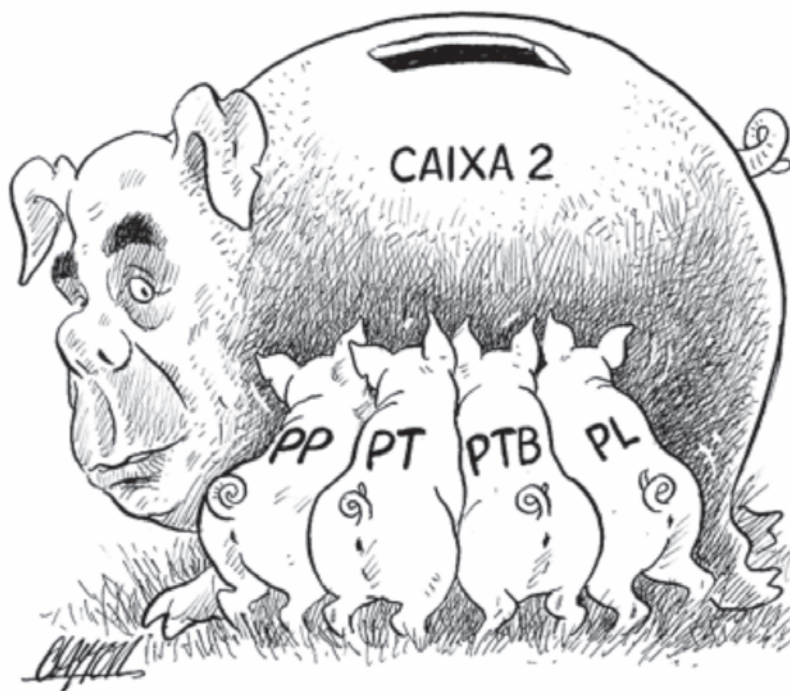
Analisando o primeiro trecho do Exemplo 2

*Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces.
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto.
No entanto, a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida.
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz.*

Em que ele se diferencia do Exemplo 1? Pela sua experiência, eles podem ser considerados textos? Considerando essas indagações, observe esses outros exemplos:

Exemplo 3

Clayton



(CLAYTON, Charge. Jornal O POVO, Fortaleza, 26 de julho de 2005).

Exemplo 4

Cheirando farinha

Recém-chegados a São Paulo, dois nordestinos passeiam pelo centro, quando vêm a polícia dando o maior cacete em um sujeito.

Curiosos, eles param perto de uma pessoa que passa e perguntam:

– Por que é que estão batendo tanto nesse coitado?

– É que ele estava cheirando farinha!

Apavorado, um deles vira-se para o outro e comenta:

– Tá vendo, compadre, se eles fazem isso com os coitados que cheiram farinha, imagine o que eles vão fazer se descobrirem que a gente come!

(Jornal O POVO – CE – 22 de dezembro de 2004)

E a esses? Você os considera textos? E o que vem a ser texto?

1.1 Definição de texto

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL ¹	INGEDORE VILLAÇA KOCH e LUIZ CARLOS TRAVAGLIA ²	FRANCISCO PLATÃO SAVIOLI & JOSÉ LUIZ FIORIN ³
Texto ou discurso	Texto	Texto
Ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa. (1999, p.3-4).	Unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição) que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.	Não é um aglomerado de frases. Contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla (constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade). (p. 1990, p.11-12)

De acordo com o quadro acima, podemos constatar alguns pontos em comum dos diversos autores:

- Todo texto é uma ocorrência lingüística falada ou escrita.
- Não se pode taxar o tamanho de um texto; até mesmo um bilhete de poucas linhas é considerado texto.
- Para que o texto exista, é necessária uma situação comunicativa.
- Todo texto tem unidade formal e semântica.
- Há uma intenção por trás do texto. Ninguém escreve aleatoriamente. Até mesmo um texto aparentemente desconexo é produto da intencionalidade de quem o produziu.

Examinemos a Charge, por exemplo: por que é um texto? Porque tem uma unidade de sentido. No entanto, para compreendê-la, é necessário que o leitor conheça o contexto em que foi inserida. Como toda Charge, depende de uma situação comunicativa. A do exemplo 3 encaixa-se dentro da atual situação política do Brasil, onde um certo publicitário de grande influência serviu de mamata para alguns partidos políticos que, através desse senhor, fizeram ilicitamente empréstimos volumosos ao Banco Rural, mexendo com o dinheiro público. Por isso o Caixa 2 está representado pela figura caricaturesca do citado empresário.

E os exemplos 1, 2 e 4 são textos com gêneros diferentes. O 1 é uma poesia com um formato um pouco diferente do 2, também classificado como poesia (classificados na tipologia de textos poéticos) e o 4 é uma anedota (tipologia dos textos humorísticos). E agora? Depois de tudo isso, o seu conceito de texto mudou?

1.2 Textualidade

Professor, as atividades que vamos desenvolver têm como objetivo a discussão das propriedades do texto, da textualidade. Mas, o que vem a ser textualidade?

Voltemos aos especialistas...

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL	INGEDORE VILLAÇA KOCH e LUIZ CARLOS TRÁVAGLIA	FRANCISCO PLATÃO SAVIOLI & JOSÉ LUIZ FIORIN
Textualidade	Textualidade ou Textura	Textualidade
Conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma seqüência de frases (1999, p.3-4).	É o que faz de uma seqüência lingüística um texto e não uma seqüência ou um amontoado aleatório de frases ou palavras. A seqüência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global.	Não são fragmentos isolados do texto; o significado das partes sempre é determinado pelo contexto dentro do qual se encaixam (1999, p.11-12).

Diante do quadro supracitado, podemos afirmar com convicção que a textualidade é que faz de um texto um texto, seja ele extenso ou não, com significação, com unidade.

1.3 Fatores de textualidade

Para que o texto seja significativo existem fatores que explicam essa textualidade: **coerência**, **coesão**, **informatividade**, **situacionalidade**, **intertextualidade**, **intencionalidade** e **aceitabilidade**.

Coerência Textual

Freqüentemente ouvimos falar: – Seu texto está coerente ou – Não está coerente, suas idéias estão confusas, sem sentido... Na verdade, muitas vezes falamos assim, mas não sabemos de fato o que seja coerência; o que não seria tão necessário para qualquer falante da língua.

No entanto, para nós, professores, como maiores responsáveis pela formação de bons leitores e de escritores proficientes, o conhecimento mais profundo sobre o que seja coerência é uma obrigação que não deve, nem pode ser dispensada.

O quadro abaixo apresenta diferentes conceitos de alguns linguistas que poderão ajudar nessa compreensão:

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL	INGEDORE VILLAÇA KOCH e LUIZ CARLOS TRÁVAGLIA	FRANCISCO PLATÃO SAVIOLI & JOSÉ LUIZ FIORIN
Coerência	Coerência	Coerência
Configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual.	Boa formação do texto, mas num sentido que não tem nada a ver com qualquer idéia assemelhada à noção de gramaticalidade usada no nível da frase, sendo mais ligada a uma boa formação em termos da interlocução comunicativa entre os usuários.	Unidade do texto. Conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de maneira complementar de modo que não haja nada destoante, nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo. No texto coerente, não há nenhuma parte que não se solidarize com as demais (op.cit. p. 261).
Fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto.		
Envolve não só os aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores (op.cit. p.5).	Princípio de interpretabilidade do texto ligada à inteligibilidade numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor do texto tem para calcular o seu sentido (op.cit. p.12).	

Refleta sobre o texto que segue:

Havia um menino muito magro que vendia amendoins numa esquina de uma das avenidas de São Paulo. Ele era tão fraquinho, que mal podia carregar a cesta em que estavam os pacotinhos de amendoim. Um dia, na esquina em que ficava, o motorista, que vinha em alta velocidade, perdeu a direção. O carro capotou e ficou de rodas para o ar. O menino não pensou duas vezes. Correu para o carro e tirou de lá o motorista, que era um homem corpulento. Carregou-o até a calçada, parou um carro e levou o homem para o hospital. Assim, salvou-lhe a vida.

(PLATÃO, F; FIORIN, J. L. Para Entender o Texto, São Paulo: Ática, 1990, 431p. p. 261).

A partir do que você internalizou sobre coerência, pode considerar o texto acima coerente? Dê seu próprio conceito de coerência. A coerência, como sabemos, está ligada à conexão, à união estreita entre as várias informações de um texto e a relação entre as suas partes, que devem se encaixar de maneira tal, a proporcionar uma unidade de significação.

Platão e Fiorin, no livro *Para Entender o Texto: leitura e redação* (p. 261-264), citam alguns níveis do texto em que ocorre a coerência. Se não vejamos:

Coerência Narrativa: na narrativa, em especial, deve-se respeitar ou observar as implicações lógicas existentes entre as partes que a compõem. Ou seja: sua seqüência lógica temporal e as relações de causa e efeito (muito presentes neste tipo de texto). As suas partes devem permitir ao leitor perceber toda uma lógica progressiva e clareza que o envolvam, fazendo-o sensibilizar-se com o contexto pragmático do texto.

Como exemplo, voltemos ao texto do exemplo 4.

Cheirando farinha

Recém-chegados a São Paulo, dois nordestinos passeiam pelo centro, quando vêem a polícia dando o maior cacete em um sujeito.

Curiosos, eles pararam uma pessoa que passava e perguntaram:

– Por que é que estão batendo tanto nesse coitado?

– É que ele estava cheirando farinha!

Apavorado, um deles virou-se para o outro e comentou:

– Tá vendo, compadre, se eles fazem isso com os coitados que cheiram farinha, imagine o que eles vão fazer se descobrirem que a gente come!

(Jornal O POVO – CE – 22 de dezembro de 2004)

Ao analisar o texto, percebemos todas essas implicações lógicas já citadas: no primeiro parágrafo, há a apresentação dos personagens (dois nordestinos); o lugar onde aconteceu o fato (no centro de São Paulo) e o próprio fato (a polícia batendo em um sujeito). Dando progressão ao texto, aparece a reação dos personagens diante do fato (ficaram curiosos e comovidos de início e, após a resposta do interlocutor, surpresos e assustados).

Finalizando a marca coerente do texto, aparece o desfecho em que os dois personagens têm outra reação: a de preocupação pelo fato de, na sua região, haver um costume diferente, levando-os a concluir que o pior poderia acontecer com eles – já que eles não cheiravam, mas comiam farinha. As relações lógicas de causa e efeito estão bem presentes, a partir do primeiro momento em que os personagens se viram diante do fato e reagiram.

Coerência Argumentativa: na argumentação, devem ser respeitadas as relações de adequação estabelecidas entre os elementos colocados no texto. Melhor dizendo: as idéias devem estar bem relacionadas com o tema a que se referem, no sentido de proporcionar ao leitor, condições de compreender o que está sendo dito.

O Jornal O POVO – CE, de 6 de julho de 2005, em Opinião, apresentou o artigo abaixo:

Salários Dignos

Fátima Vilanova

Pagar bem ao funcionalismo público constitui visão administrativa, que está faltando aos governantes de um modo geral, sejam municipais, estaduais e do âmbito federal. Quando se paga bem aos servidores, repondo as perdas salariais, recompõe-se o valor de compra dos salários, injetam-se recursos na economia, aumenta-se o consumo, a poupança; amplia-se a arrecadação de impostos, gerando o círculo virtuoso do desenvolvimento e da geração de empregos.

Falta visão de estadista, de se governar com justiça, de fazer avançar o País rumo à elevação da qualidade de vida. Pagar salários decentes constitui investimento direto no ser humano e na economia, e não despesa, como é o discurso recorrente das autoridades.

Parece que tal investimento interessa tão pouco aos governos, porque nele não há desvio de recursos para fazer caixa dois de campanha eleitoral nem outras ilicitudes, responsáveis pelo enriquecimento ilícito de muitos que estão na vida pública.

A justificativa, agora, para pagar mal, é a Lei de Responsabilidade Fiscal, que sabemos ser correta, mas que continuará a ser respeitada com o aumento de recursos do orçamento, advindo da elevação da arrecadação de tributos por se pagar bem aos servidores.

Salários justos para aposentados e pensionistas também não quebram a Previdência, quando os repasses são realizados, quando não se desviam recursos de seu caixa, quando há gestores honestos, íntegros, na condução da administração pública.

O dinheiro sempre existe para a remuneração dos que compõem o andar-de-cima, da cúpula, no Executivo, Legislativo e Judiciário. O andar-de-baixo precisa espremer a cada ano, fazer greve, comprometendo o atendimento à população.

(FÁTIMA VILANOVA é ouvidora da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e membro do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos).

De início, a autora apresenta o seguinte argumento: a falta de visão administrativa dos governantes pela omissão de pagamento justo ao funcionalismo público. Para defender a sua argumentação inicial, Vilanova tece o texto, evidenciando todos os elementos que a comprovam: se os funcionários fossem pagos adequadamente, haveria injeção de recursos na economia, aumento do consumo, de contas na poupança...

Fátima foi muito feliz, quando afirma que os governantes alegam que o não cumprimento dessa obrigação é o fato de terem de cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal. O texto ganha força, quando ela, de forma categórica, com conhecimento de causa, aponta soluções viáveis para a resolução do problema.

Coerência Figurativa: por coerência figurativa, entende-se a articulação harmônica das figuras do texto, com base na relação de significado que mantêm entre si. As várias figuras que ocorrem num texto devem articular-se de maneira coerente para constituir um único bloco temático. A ruptura dessa coerência pode produzir efeitos desconcertantes. Todas as figuras que pertencem ao mesmo tema devem pertencer ao mesmo universo de significado.

O trecho abaixo, retirado da *Revista Veja* de 21 de outubro de 1992, produzido por Roberto de Pompeu Toledo, gira em torno do político brasileiro Ulisses Guimarães:

[...] Ulisses era impressionante sobre vários aspectos, o primeiro e mais óbvio dos quais era a própria figura desse político. Contemplado de perto, cara a cara, ele tinha a oferecer o contraste entre as longas pálpebras que subiam e desciam pesadas, como cortinas de ferro e os olhos claríssimos de um azul leve como ar. As pálpebras anunciavam profundezas insondáveis. Quando ele as abria, parecia estar chegando de regiões inacessíveis, a região dentro de si, onde guardava sua força.[...]

As palavras estão relacionadas de tal forma harmoniosas, que permitem ao leitor estabelecer uma perfeita compreensão da intenção do autor – descrever a figura do político. O bloco temático do fragmento supracitado é o da força, representada pelo contraste existente entre as pálpebras pesadas como cortinas de ferro (poder) e a leveza do olhar azul (tranquilidade, segurança).

Compare, professor, agora, o trecho de Ulisses com o do menino franzino:

Havia um menino muito magro que vendia amendoins numa esquina de uma das avenidas de São Paulo. Ele era tão fraquinho, que mal podia carregar a cesta em que estavam os pacotinhos de amendoim. Um dia, na esquina em que ficava, o motorista, que vinha em alta velocidade, perdeu a direção. O carro capotou e ficou de rodas para o ar. O menino não pensou duas vezes. Correu para o carro e tirou de lá o motorista, que era um homem corpulento. Carregou-o até a calçada, parou um carro e levou o homem para o hospital. Assim, salvou-lhe a vida.

(PLATÃO, F; FIORIN, J. L. Para Entender o Texto, São Paulo: Ática, 1990, 431p. p. 261).

Como um menino tão magrinho e fraquinho pode levantar um homem corpulento? O bloco temático está coerente com a intenção inicial do autor que era a de mostrar a fragilidade da criança? Percebe-se claramente a incoerência temática do texto, a partir deste contraste que chega a chocar o leitor, se ele tiver conhecimento de mundo sobre a dicotomia existente – fragilidade versus fortaleza.

Coesão Textual

Leia o texto abaixo:

Mito e realidade

A natureza inteira, entre os gregos antigos, estava relacionada com as potências divinas. Os rios e as florestas eram habitados por ninfas, que os homens respeitavam tanto quanto os deuses. As tempestades, os raios o trovão eram interpretados como sinais da cólera de Zeus.

Cada divindade tinha seus atributos e suas funções. Todas as atividades humanas eram representadas por um deus ou uma deusa.

Continuando a analisar os fatores que contribuem para a textualidade, quais os recursos lingüísticos que dão a tessitura coerente desse texto? Quando o autor usa, por exemplo, a expressão "**Cada divindade**", no segundo parágrafo, ele está se reportando a que elementos do texto?

Para compreender a coesão, um outro fator da textualidade, é preciso saber que existem marcas lingüísticas que tecem o texto, de modo a torná-lo um todo significativo. Os elementos coesivos permitem uma "costura" que dá ao texto uniformidade.

No segundo parágrafo, por exemplo, que se inicia com "**Cada divindade**" – o autor se reporta a termos anteriormente citados como "**ninfas, deuses, Zeus**", sendo, portanto, uma forma referencial cujo objetivo é substituir palavras para evitar a repetição inadequada, permitindo a continuidade do texto de modo coerente. Também, se pode assegurar uma articulação entre frases e parágrafos fazendo do texto uma unidade de sentido, isto é, um todo coerente.

Considerando que o texto é um todo organizado, percebe-se que essa organização advém das diversas formas como as informações se amarram umas as outras. A isso se chama coesão textual.

Para reforçar a definição de coesão textual, vamos retornar aos três autores:

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL	INGEDORE VILLAÇA KOCH E LUIZ CARLOS TRAVAGLIA	FRANCISCO PLATÃO SAVIOLI & JOSÉ LUIZ FIORIN
Coesão	Coesão	Coesão
Manifestação linguística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais (1999, p.5).	Grupo de mecanismos cuja função é assinalar determinadas relações de sentido entre enunciados ou partes de enunciados que vai tecendo o tecido (tessitura) do texto. Halliday & Hasan (1976) Coesão: por estabelecer relações de sentido, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam "laço", "elo coesivo" (1999, p.12).	Enunciados organicamente articulados entre si, concatenados entre eles. Enunciados não amontoados caoticamente, mas estritamente interligados entre si: conectados entre cada uma das partes (1990, p.261).

Vejamos a lista de compras:

Lista de Compras

<i>Arroz</i>	<i>Cereja</i>
<i>Feijão</i>	<i>Ervilha</i>
<i>Açúcar</i>	<i>Milho verde</i>
<i>Café</i>	<i>Aspargo</i>
<i>Manteiga</i>	<i>Atum</i>
<i>Margarina</i>	<i>Salmão</i>
<i>Creme de leite</i>	<i>Salame</i>
<i>Leite moça</i>	<i>Presunto</i>
<i>Chocolate em pó</i>	<i>Queijo</i>
<i>Passas</i>	<i>Sabão em pó</i>
<i>Alcaparra</i>	<i>Amaciante</i>
<i>Palmito</i>	<i>Sabão em barra</i>
<i>Azeitona</i>	<i>Detergente</i>

Sabemos que existe coerência entre os enunciados, porque há uma unidade significativa, isto é, todas as informações que existem no texto estão organizadas de modo a permitir ao leitor uma categorização: **gêneros (arroz, feijão, açúcar, etc); laticínios e frios (manteiga, margarina, salame, presunto, queijo, etc); latarias (azeitona, ervilha, mi-**

lho verde, atum, etc); higiene (sabão em pó, amaciante etc); apresenta também um propósito comunicativo (listar para não esquecer) e, além do mais, favorece a um determinado consumidor (classe média alta ou alta – aspargos, alcaparras, salmão etc)).

Mas, em sua estrutura formal, há elementos que dão conexão às partes? Que interligam as informações do texto, como conjunções, advérbios, pronomes etc? Como você pode observar, embora o texto seja coerente, dispensa, em sua estrutura formal, qualquer recurso de coesão. Isso acontece para determinados tipos de texto como a lista. E quais são os principais mecanismos de coesão?

Mecanismos de Coesão

A coesão pode ser definida como um processo dinâmico, através do qual as relações entre as frases são estabelecidas ora olhando-se para trás, ora olhando-se para adiante. Nesse processo de ida e volta, existem dois tipos de coesão textual: a **referencial** e a **seqüencial**. As relações coesivas textuais assumem diferentes classificações. Dentre as opiniões dos vários autores, ficaremos com Halliday & Hasan (1976).

São cinco os mecanismos de coesão assim estabelecidos:

- Referência (pessoal, demonstrativa, comparativa).
- Substituição (nominal, verbal, frasal).
- Elipse (nominal, verbal, frasal).
- Conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa).
- Coesão lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação).

Referência: com base nos fundamentos teóricos pesquisados, são: "itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação" (Koch, 2001, p. 20). A referência pode ser: situacional (exofórica – extratextual) e textual (endofórica – dentro do texto).

- **Referência Situacional (Exofórica):** quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, isto é, quando o referente está fora do texto. Como exemplo, citamos o texto:

A vaguidão específica

As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago-específica. (Richard Gehman)

- 1 – *Maria, ponha **isso lá fora em qualquer parte**.*
 – *Junto com as **outras**?*
 – *Não ponha junto com as **outras**, não. Senão pode vir **alguém** e fazer **qualquer coisa** com elas.*
- 5 – *Ponha **no lugar do outro dia**.*
 – *Sim senhora. Olha, **o homem** está aí.*
 – ***Aquele** de quando choveu?*
 – *Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.*
 – *Que é que você disse a ele?*
- 10 – *Eu disse pra ele continuar.*
 – *Ele já começou?*
 – *Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.*
 – *É bom?*
 – *Mais ou menos. O **outro** parece mais capaz.*
- 15 – *Você trouxe **tudo pra cima**?*
 – *Não senhora, só trouxe **as coisas**. O **resto** não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.*
 – *Mas traga, traga. Na ocasião, nós descemos **tudo** de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.*

(FERNANDES, Millôr. Trinta anos de mim mesmo. São Paulo, Círculo do Livro, p. 77).

O que podemos perceber de incomum no texto supracitado? Os **referentes (isso, lá fora, qualquer parte, outras...)** podem ser identificados dentro do texto? O que é esse isso? Não há nenhuma referência a esse marcador lingüístico. Os personagens do texto, porém, sabem do que se trata, pois estão diante de uma **mesma** situação comunicativa.

E o que são essas **outras**? Cadeiras, garrafas... infelizmente, não podemos precisar os referentes. Pelo conhecimento que temos da língua, sabemos que outras é um pronome substantivo, feminino e plural. Está substituindo um nome, mas não há indícios, referências a esse nome, dentro do texto. Daí, tratar-se de um **elemento referencial exofórico (dêítico)**. Assim acontece com os outros elementos grifados no texto. São referentes situacionais exofóricos.

- **Referência Textual (Endofórica):** quando o referente se acha expresso no próprio texto.

Compare os trechos dos dois textos:

A Vaguidão Específica

- *Maria, ponha **isso** lá fora em qualquer parte.*
- *Junto com as outras?*
- *Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e fazer qualquer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.*

O Homem Nu

- Ao acordar, disse para a mulher:*
- *Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí um sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.*
 - *Explique **isso** ao homem – ponderou a mulher.*

Sabemos que os dois **isso** são pronomes substantivos. Porém há uma diferença marcante entre essas duas formas remissivas. A primeira é Forma Remissiva Referencial Exofórica, isto é, o referente está fora do texto. Já a segunda é Forma Remissiva Referencial Endofórica, isto é, o referente está dentro do texto.

Isso: é a situação vexatória em que o homem se encontrava: o esquecimento do pagamento da televisão.

Compreendemos tudo, mas uma dúvida ficou no ar: o que vem a ser Forma Remissiva?

Formas Remissivas x Forma Referencial

Formas Remissivas: "são elementos lingüísticos que fazem remissão, referência" (Koch; Travaglia, 1992). Mas, eles fazem remissão a quê? A um componente da superfície textual chamado Forma Referencial. E o que vem a ser isso?

Forma Referencial: é um elemento do texto representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado (Koch; Travaglia, 1992). No caso, o **isso** do texto de Fernando Sabino é um enunciado.

Vamos agora entender o que vem a ser forma remissiva referencial endofórica anafórica e catafórica.

Forma Remissiva Referencial Endofórica Anafórica: quando a forma referencial vem antes da forma remissiva, isto é, quando o item de referência retoma um signo já expresso no texto.

Exemplo "... vem aí o sujeito com a conta... quando ele vier, a gente fica quieto...".

Referente: **Sujeito com a conta (cobrador)**

Forma Remissiva Referencial Endofórica Anafórica: **ele**

Forma Remissiva Referencial Endofórica Catafórica: quando a forma referencial vem depois da forma remissiva, isto é, quando o item de referência antecipa um signo ainda não expresso no texto.

Exemplo: **Ouviu que alguém abria outra porta atrás de si. Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho...**

Forma Remissiva Referencial Endofórica Catafórica: **Alguém**

Referente: **a velha do apartamento vizinho**

Formas Remissivas Não-Referenciais: segundo Koch são aquelas que não fornecem ao leitor/ouvinte quaisquer instruções de sentido, mas apenas instruções de conexão.

Formas Remissivas Não-Referenciais Presas: "são as que acompanham um nome, antecedendo-o e também ao(s) modificador(es) anteposto(s) ao nome dentro do grupo nominal. Exercem, portanto, a função de artigo e correspondem, em linhas gerais, aos determinantes da gramática estrutural e gerativa. Seriam, em termos de nossas gramáticas tradicionais, os artigos, os pronomes adjetivos, demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos) e os numerais cardinais e ordinais, quando acompanhados de nomes, além dos pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas (eu, tu, você, nós, vós, vocês), que se prendem a elementos situacionais" (Koch, 2001. p. 33).

Exemplo: – Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações.

Formas Remissivas Não-Referenciais Livres: "são aquelas que não acompanham um nome dentro de um grupo nominal, mas que são utilizadas para fazer remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual. São os pronomes pessoais de 3ª pessoa (ele, ela, eles, elas) e os pronomes substantivos em geral (demonstrativos, possessivos, etc.) que têm função pronominal propriamente dita, bem como advérbios pronominais do tipo lá, aí, ali, acima... (Koch, 2001. p. 33 – 37).

Exemplo: Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir.

Formas Remissivas Referenciais: "grupos nominais definidos que, além de fornecerem, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm, também, instruções de sentido (referenciais)" (Koch, 2001, p. 33).

Segundo Koch, as formas remissivas referenciais fornecem as seguintes indicações no nível de referência:

Expressões ou Grupos Nominais Definidos: grupos nominais introduzidos pelo artigo definido, que exercem função remissiva.

Exemplo: – Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí **um sujeito** com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum. – Explique isso ao **homem** – ponderou a mulher.

Um sujeito – indefinido é o referente de **o homem** – definido (forma remissiva nominal).

Nominalizações: formas nominalizantes, através dos quais se remete ao verbo e argumentos da oração anterior.

Exemplo: Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer. Na descida, o homem nu diz sobressaltado:

– Ah, isso é que não!

Nomes Genéricos: (ex: coisa, pessoa, fato, fenômeno).

Exemplo: Ao acordar, disse para a mulher: – Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí um sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum. – Explique isso ao homem – ponderou a mulher. – Não gosto dessas **coisas**.

Coisas é um termo genérico que se refere ao não pagamento da televisão (Koch, 2001, p. 45-46).

Hiperônimos ou Indicadores de Classe: Hiperônimo (genérico) e Hipônimo (específico).

Utilizamos o hiperônimo, quando usamos um termo genérico para substituir um mais específico (hipônimo).

Veja o exemplo abaixo, retirado de *O homem nu*:

*Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o **pão**. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o **embrulhinho** deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém.*

Embrulhinho é hiperônimo do hipônimo **pão**.

Ao acordar, disse para a mulher: – Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a **prestação da televisão**, vem aí um sujeito com a **conta**, na certa.

Conta – hiperônimo (geral) está se referindo ao hipônimo – **prestação da televisão** (específico).

Substituição: para Halliday e Hasan a substituição consiste na colocação de um item em lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. Pode ser nominal ou verbal.

Exemplos: “Ao acordar, disse para a mulher: – Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí um sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a **nenhum**.”

Nenhum é uma Substituição Nominal: **nenhum** refere-se à falta de dinheiro.

“Enquanto isso ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão! **Não era**.”

Não era está substituindo o homem da televisão. É o caso de uma outra Substituição Nominal.

“– Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu...”

Insistir substitui toda oração anterior: – **Maria, por favor! Sou eu.** –

Substituição Frasal

- **Elipse:** substituição por zero ($\emptyset$). Pode ocorrer a elipse de um nome, de um verbo, de uma frase, uma oração ou todo um enunciado facilmente recuperável pelo contexto. Exemplo: Ao acordar, ($\emptyset$) disse para mulher ($\emptyset$) – **ele**.
- **Coesão Lexical:** segundo Koch, a coesão lexical é obtida por meio de dois mecanismos: a reiteração e a colocação ou contigüidade. A reiteração se faz por meio da repetição do mesmo item lexical ou através de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos. A colocação ou contigüidade consiste no uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo.

Exemplos:

1. O professor corrigiu o exercício dos alunos. O professor ficou aborrecido porque somente uma parte dos alunos conseguiu um bom resultado (mesmo item lexical).
2. As famílias costumam reunir-se na noite de Natal. Pais, filhos, netos, sobrinhos fazem a troca de presentes (hipônimos).
3. Houve um incêndio no centro da cidade. O acontecimento reuniu muitos curiosos (nome genérico).
4. O avô contava a história à netinha. O pobre velho não resistiu ao cansaço e adormeceu (sinônimo).
5. A UECE reinicia suas atividades do semestre. Diretores, coordenadores, professores, alunos reencontram-se depois do período das férias (termos pertencente a um mesmo campo significativo).

Professor (a), os textos a seguir apresentam no seu conteúdo um rico potencial de elementos de referência que facilitam a compreensão de como funciona a linguagem escrita, além de preencher as condições básicas para que sejam considerados textos. Estas são sugestões de como explorar, na prática, com os alunos, os mecanismos já expostos, na perspectiva de um melhor desempenho nas questões de leitura focalizadas nas avaliações externas do SPAECE e SAEB.

2 Análise dos mecanismos de coesão referencial

Texto 1

Imagens de heróis de cinema

- 1 Os séculos nos transmitiram os episódios mitológicos mais célebres, como as façanhas de Héracles. No século XX, foram levadas para a tela as proezas **desse herói universal**. A força do **personagem** chamou a atenção dos cineastas, **que** fizeram de Héracles **o herói** de filmes **cuja história** nem sempre tinha a ver com
- 5 a mitologia tradicional. Chamavam-se atores musculosos para encarnar **esse herói** de porte atlético. Não é por acaso **que um dos mais famosos campeões do fisiculturismo**, Arnold Schwarzenegger, estreou no cinema no papel de Hércules...em Nova York!
- Pode-se assistir também a um Hércules na conquista da Atlântida (1961).
- 10 De Vittorio Cottafi, a um Hércules no centro da Terra (1961) de Mario Bava. Sem serem totalmente fiéis à mitologia antiga, **tais filmes** tentaram ilustrar por meio **desse personagem** o modelo por excelência do **herói** possuidor de uma força colossal **a que nada resiste**.
- Nossa época também cria **seus** heróis invencíveis **que** lutam contra as forças
- 15 do mal: Batman é um bom exemplo.

(POUZADOUX, C. Contos e lendas da mitologia Grega. São Paulo: Cia. das Letras, 2002).

Depois de ler o texto, podemos preencher o quadro, da seguinte forma:

Linha	Forma Referencial	Referente	Tipo
2/3	Desse herói universal	Héracles	Referência nominal
3	Personagem		Hiperonímia
3	Que	Cineasta	Referência nominal
4	Herói	Héracles	Referência nominal
4	Cuja história	Héracles	Referência nominal
5	Esse herói	Héracles	Referência nominal
6/7	Um dos mais famosos campeões do fisiculturismo	Arnold Schwarzenegger	Hiponímia

11	Tais filmes	Hércules na conquista da Atlântida Hércules no centro da Terra	Referência nominal
12	Desse personagem	Hércules	Referência nominal
12	Do herói	Hércules	Referência nominal
13	A que nada resiste	Exofórico (fora do texto)	Referência nominal
14	Seus	De nossa época	Referência nominal
14	Que	Heróis invencíveis	Referência nominal
15	Batman	Um bom exemplo	Referência nominal

Analise o texto 2 e preencha o quadro que segue:

Texto 2

Nobel

- 1 - Viu quem ganhou o Nobel de Literatura?
 - Quem?
 - Este nem você conhece.
 - Quem é?
- 5 - Um tal de Roger Paillac. Ninguém conhece.
 - O Roger Paillac?
 - Vai dizer que você conhece?
 - Conheço. Mas jamais pensei que ele pudesse ganhar o...
 - Espere um pouquinho. Você conhece o Roger Paillac?!
- 10 - Escuta aqui. Só porque você não conhece, não quer dizer que ele seja desconhecido.
 - Mas todo mundo com quem eu falei, até agora, conhece ele até menos do que eu.
 - Ora, todo mundo. É preciso ter um mínimo de informação. Está certo, não é um autor popular. Mesmo na França deve ter muita gente que não conhece.
 - Mas você conhece o Marcel Paillac.
- 15 - Roger Paillac. Conheço. O que é que eu vou fazer? Conheço.
 - É poeta, é?
 - Parece que fez poesia também.
 - O que você leu dele?
 - Lembro de um conto. Uma espécie de conto. Uma coisa assim, meio impressionista.
- 20 - Não me impressionou muito. Nunca entendi muito bem a reputação dele com a nova crítica.
 - Não foi ele que escreveu *Les oiseaux colerique*?
 - Não, não. Não tem nada a ver.
 - É mesmo. Aquele é o Fouchard de Brest. Quer dizer que o Jean-Louis Paillac...
- 25 - Roger Paillac.
 - Jean-Louis.
 - Roger.
 - Tem certeza?
 - Absoluta.

(VERÍSSIMO, L. F. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 97.)

O texto apresenta os recursos linguísticos de referência, tais como formas referenciais elípticas, mecanismos de coesão lexical, substituições e o uso de nomes genéricos. Identifique-os, preenchendo o quadro:

[illegible]

Professor (a), agora a bola é sua. Demonstre a sua criatividade, utilizando o texto abaixo, para desenvolver uma atividade com os alunos contemplando os aspectos até agora estudados sobre coesão.

Texto 3

Ascendências

- 1 I. Uma vez nosso grupo decidiu comparar árvores genealógicas e, como estivéssemos naquela em que ninguém com mais de 40 não interessava muito, ainda mais da família, cada um inventou o que pôde. Eu improvisei um remoto príncipe calabrês entre meus antepassados, outro disse que era meio "Orleans e Bragança", mas quem ganhou nossa admiração maior foi o Binho, que declarou o seguinte: era descendente de um meio-irmão de Jesus Cristo.
- 5 – O quê?!
- II. Binho manteve a ascendência em meio à descrença geral, sem piscar. E ainda elaborou. Se havia com sobra de razões para ter outra mulher, era São José. Ele tivera filhos com a outra. Um desses filhos dera início a uma linhagem que acabara no velho Moisés, pai do Binho, que imigrara para o Brasil.
- 10 – Espere um pouquinho. Na Bíblia não tem nada sobre a outra família do José.
- III. Binho sorriu com superioridade. E ia ter? Logo na Bíblia?
- Por que a sua família nunca falou nada?
- 15 IV. O consenso no grupo era de que uma descendência como aquela merecia destaque nacional. Talvez até valesse dinheiro. O pai do Binho podia ter alguma coisa a receber no Vaticano, sei lá.
- V. O Binho continuou sorrindo com a nossa ignorância. Era claro que a família não podia falar nada a respeito. O velho José sempre fora muito discreto. Não podiam
- 20 trair o segredo do antepassado ilustre.
- VI. O fato é que a revelação do Binho mexeu conosco. No dia seguinte o Tuca apareceu com a notícia. Soubera em casa que eles também eram parentes de uma figura histórica importantíssima.
- Quem?
- 25 – Hércules.

(VERÍSSIMO, L. F. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 133.)

Professor(a), você já viu todos os mecanismos da coesão referencial. Você sabe também que existem outros elementos que ajudam a dar uma melhor compreensão às informações contidas no texto? E o que seria isto?

Atente para as explicações que seguem:

Coesão Sequencial: trata dos recursos responsáveis pela progressão do texto, ou melhor, das expressões que interligam as informações conhecidas às novas, estabelecendo um elo entre ambas. Segundo Koch (1996), a coesão sequencial pode ser parafrástica e frástica.

- **Coesão Seqüencial Parafrástica** (de *paraphrázo*, parafrasear, alterar o sentido, comentar): são os procedimentos de recorrência textual.
- a) **Recorrência de Termos** (reiteração de um mesmo item lexical) como se vê no texto de Carlos Drummond de Andrade:

Vida vidinha

*A solteirona e seu pé de begônia
 a solteirona e seu gato cinzento
 a solteirona e seu bolo de amêndoas
 a solteirona e sua renda de bilro
 a solteirona e seu jornal de modas
 a solteirona e seu livro de missa
 a solteirona e seu armário fechado
 a solteirona e sua janela
 a solteirona e seu olhar vazio
 a solteirona e seus bandós grisalhos
 a solteirona e seu bandolim
 a solteirona e seu noivo-retrato
 a solteirona e seu tempo infinito
 a solteirona e seu travesseiro ardente, molhado de soluços.*

(Menino Antigo. Rio Sabiá: José Olympio, 1973, p. 74)

Neste texto, o item lexical **solteirona** é reiterado várias vezes, acrescentando a cada uma destas uma nova informação cujo objetivo não é outro senão traduzir a monotonia da rotina vivenciada pela solteirona.

- b) **Recorrência de Estruturas Sintáticas**: utilização das mesmas estruturas sintáticas, preenchidas com itens lexicais diferentes, como se observa no trecho abaixo:

*É pau é pedra é o fim do caminho
 É um resto de toco é um pouco sozinho
 É um caco de vidro é a vida é o sol
 É a noite é a morte é um laço é o anzol
 É peroba do campo é o nó da madeira*

(Águas de março. Antônio Carlos Jobim)

Como se pode observar, o texto é estruturado com a mesma estrutura sintática: verbo + predicativo (**É pau**), mas em cada uma das frases aparecem palavras novas, novos itens lexicais (**É o fim do caminho...**).

- c) **Recorrência de Conteúdos Semânticos:** os enunciados introduzidos por recursos lingüísticos como isto é, ou seja, quer dizer, ou melhor, em outras palavras, em síntese, em resumo etc. reiteram conteúdos semânticos semelhantes como ocorre nas paráfrases.

Exemplos:

- a) **A coerência garante a harmonia entre todas as partes da produção escrita, ou seja, que nada se apresente destoante, ilógico, contraditório ou desconexo, mas um todo uníssono.**

Na frase acima, a segunda informação reitera o conteúdo semântico da primeira, utilizando-se de estruturas sintáticas diferentes, tendo como resultado a paráfrase. O que marca essa reiteração é a presença do recurso lingüístico **ou seja**.

- b) **São Paulo é sempre vítima das enchentes de verão, ou melhor, das invasões de nordestinos.**

Ao contrário do a, o exemplo b não reitera o conteúdo semântico da primeira afirmação, havendo, portanto a quebra do paralelismo semântico, embora seja preservado a mesma estrutura sintática.

Geralmente, as estruturas sintáticas são escolhidas de modo a fazer sentido juntas. Quando isso não ocorre, tem-se, também, a quebra do paralelismo semântico, mas não obrigatoriamente do sintático. Veja-se os exemplos:

- a) **O menino chutou a bola.**
b) **A bola chutou o menino.**

Observa-se que a frase a é aceita tanto sintática como semanticamente, mas o mesmo não ocorre com a frase **b**, embora esta preserve a estrutura sintática. Isso se dá pelo fato de o verbo exigir um sujeito animado. Semanticamente, a frase **b** poderia ser aceita, em se tratando de uma fábula onde a bola fosse personificada, um ser ativo.

- d) **Recorrência de Recursos Fonológicos Segmentais:** é a repetição de itens fonológicos entre as estruturas lexicais, como aliteração (repetição de um mesmo som), assonância (repetição, no final de uma palavra ou de um grupo rítmico, da vogal acentuada ocorrida anteriormente) ritmo, rima, métrica.

Observe-se o exemplo abaixo:

Braços

*Braços nervosos, brancas opulências.
Brumais brancuras, fúlgidas brancuras,
alvuras castas, virginais alvuras,
latescências das raras latescências.*

(Cruz e Souza)

Há a presença reiterada do item fonológico – encontro consonantal **BR** e do morfema sufixal **URAS**.

e) **Recorrência de Tempo e Aspecto Verbal**: segundo Koch, dessa recorrência, existem três tipos:

Atitude comunicativa	Perspectiva	Relevo
Existem dois tipos de atitude comunicativa: comentar e narrar. Cada língua possui tempos verbais próprios para assinalar a atitude comunicativa: os tempos do comentário conduzem o ouvinte a uma atitude receptiva, tensa, engajada, atenta; os do relato, ao contrário, levam o ouvinte a assumir uma atitude receptiva relaxada, não lhe exigindo nenhuma reação direta. Em português, são tempos do mundo comentado: o presente do indicativo, o pretérito perfeito (simples e composto), o futuro do presente; e tempos do mundo narrado: o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do pretérito do indicativo.	Quanto à perspectiva, tem-se em cada mundo, os tempos-zero (sem perspectiva) e os tempos retrospectivos e prospectivos. No mundo comentado: Tempo-zero: presente Tempo retrospectivo: pretérito perfeito Tempo prospectivo: futuro do presente No mundo narrado: Tempo-zero: pretérito perfeito e pretérito imperfeito Tempo retrospectivo: pretérito mais-que-perfeito Tempo prospectivo: futuro do pretérito.	Divide em primeiro plano e segundo plano, dando instruções ao ouvinte sobre a informação considerada principal e aquela que é apenas secundária. A indicação de relevo através do tempo verbal só ocorre no mundo narrado: o perfeito indica o primeiro plano e o imperfeito, o plano de fundo.

Para marcar essas recorrências, veja o texto abaixo.

Bye, bye, Big Brother no BB

Já fazia algum tempo que o Banco do Brasil instalara algumas câmeras de vídeo no salão da diretoria para gravar os movimentos dos executivos ao longo do dia de trabalho. A idéia, copiada do Bradesco, era ajudar as secretárias a localizar rapidamente os diretores do banco. No entanto, o vice-presidente de Logística e Tecnologia, José Cerqueira César, acabou com a brincadeira. Mandou cortar as câmeras, sob alegação de que elas estariam auxiliando no vazamento de informações confidenciais.

(Revista Época. Nº 363, 2/5/05, p. 37).

O texto começa com a presença do verbo no pretérito imperfeito do indicativo (**fazia**), marcando o tempo-zero do mundo narrado. Aparece como pano de fundo (informações secundárias) que prepara o leitor para a informação principal que vai surgir em seguida. Dando progressão às idéias, o autor utiliza o mais-que-perfeito (**instalara**), para retomar as informações velhas e intensificar o fato, o conteúdo da informação.

Há depois uma mudança de relevo, em que a narrativa propriamente dita acontece, através do emprego do verbo no pretérito perfeito (**acabou, mandou**) e marcam o tempo-zero da narrativa. Finalizando, há a presença do verbo no tempo composto do futuro do pretérito (**estariam auxiliando** – que poderia ser substituído por auxiliariam – forma simples), marcando a perspectiva prospectiva dos acontecimentos.

- **Coesão Sequencial Frástica:** "a progressão se faz por meio de sucessivos encadeamentos, assinalados por uma série de marcas lingüísticas através das quais se estabelecem, entre os enunciados que compõem o texto, determinados tipos de relação" (Koch). As marcas lingüísticas são os diversos conectores que interligam os enunciados dentro ou entre as frases que formam o texto.

Vejam o texto que segue:

Vestíbulo coisa nenhuma!

- 1 Os exames vestibulares são uma das maiores, possivelmente, a maior praga **que** infesta à educação brasileira. O seu nome, derivado de "vestíbulo", **que** quer dizer "átrio, entrada de um edifício", sugere **que** eles são apenas uma inocente e estreita porta de entrada para as universidades. **De fato**, para isso foram criados. **Mas frequentemente**
- 5 acontece com as instituições sociais **o mesmo que** ocorre com os medicamentos: os efeitos colaterais não-previstos são mais importantes **que** os efeitos desejados. Pode ser que a cura seja pior **que** a doença.

É o caso dos vestibulares. Anunciados como inocentes portas de entrada, o seu efeito maior, **entretanto**, tem sido o seu poder de moldar e determinar os padrões de

- 10 educação de ensino médio **e até mesmo** de ensino fundamental. Cúmplices **nesse**
processo são os pais. Ansiosos por verem seus filhos nas universidades **por** imagina-
 rem **que** o diploma vai lhes garantir segurança econômica, exercem pressões sobre as
 escolas **no sentido de** elas se transformem em instituições dedicadas a "preparar
 para o vestibular". Boa escola é aquela **que** segue os modelos dos cursinhos. Aquelas
 15 **que** não se ajustam estão condenadas à marginalização: instituições inúteis não pre-
 param para os vestibulares.

Os professores **que** preparam as questões para os exames vestibulares, **cada**
um mergulhado nas particularidades de sua própria disciplina, **nem** de longe imagi-
 nam **que**, ao elaborar uma questão, estão determinando os rumos da educação no
 20 Brasil. Não sabem **que** num simples ato de imaginar um problema eles estão determi-
 nando padrões de inteligência **e** padrões de conhecimento para todos os jovens do
 Brasil. O padrão de conhecimento refere-se à soma de informações julgadas necessá-
 rias e indispensáveis para se passar nos exames. O tipo de inteligência refere-se às
 operações mentais julgadas essenciais para o mesmo fim.

25 **Ora** esses dois elementos, padrões de conhecimento **e** padrões de inteligência,
 constituem-se num resumo de toda uma filosofia da educação. Os exames vestibu-
 lares, **assim**, involuntariamente, estabelecem o modelo de excelência educacional
 a ser seguido pelas escolas.

Quanto à inteligência, é preciso saber **que** não há uma, **mas muitas**.
 30 **Como na** história da Bela Adormecida, muitas delas se encontram mergulhadas
 em sono profundo, à espera **de que** um beijo de amor as acorde... **Outras, segun-**
do denúncias de Hermann Hesse, são simplesmente assassinadas. Os exames
 vestibulares encontram-se **entre** os feiticeiros **que** fazem dormir muitos tipos de
 inteligência **e entre** os assassinos **que** matam muitas outras. São, **assim**, culpa-
 35 dos de bruxarias e assassinatos.

(...).

(ALVES, R. Estórias de quem gosta de ensinar. Campinas-SP:
 Parios, 2000, p. 15).

As palavras em negrito, como você pode observar, estabelecem
 relações dentro das frases, dando idéia de oposição, de adição etc.
 Segundo Koch, a conjunção ou conexão é responsável pela relação de
 sentido existente entre os enunciados. "Tais relações são assinaladas
 explicitamente por marcadores formais que correlacionam o que está
 para ser dito àquilo que já foi dito".

Os principais tipos de elementos conjuntivos são: advérbios e lo-
 cuções adverbiais; conjunções coordenativas e subordinativas; locuções
 conjuntivas, preposições e locuções prepositivas; itens continuativos
 como então, daí e outras.

Yes, nós temos pneus

O pneu é uma coisa que nasce em condições absolutamente favoráveis: todo bebê, **via de regra** (1), é barrigudinho. **E** (1/2) careca. Arrisco **até** (1) dizer que as dobrinhas adiposas são responsáveis por 70% do charme do pirralho. **Ou seja**, (1), todo mundo cresce acreditando que o cultivo do pneu é garantia de sucesso.

Mais tarde (1), **contudo** (1) – **e infelizmente** (1) –, cai o pano e (1) a verdade se revela; a presença de gomos ao redor da cintura é motivo de chacotas no colégio. **Daí em diante** (1), é aquela história que todo mundo conhece: choro, divã, alface, agrião, divã, natação, rúcula e (1) as indefectíveis barrinhas de cereais – que geram, invariável (1) e compreensivelmente mais divã.

Na fase adulta (1), **portanto** (1), o pneu é o próprio atestado do fracasso. Sinal de que a pessoa – que “contraíra” o pneu **ainda** (1) no útero materno – **batalhou, batalhou** (2), **mas ainda** (1) não deu conta de eliminar o que está sobrando. Maldito anexo.

Dá vergonha. Ninguém gosta de levar uma beliscada no próprio pneu. Conhecia uma moça que permitia as apalpadinhas mais audaciosas em público; gostava **inclusive** (1) de chocar senhorinhas inocentes na rua. Tocasse algum cafajeste no pneu dela, **entretanto** (1), virava uma virgem instantânea.

Sai pra lá! Tá pensando que eu sou o quê? Safado!

E (1) dava com o guarda-chuva na cabeça do sujeito, que era para não deixar dúvida. **E** (1) o cara ia embora – cheio de dúvidas, naturalmente.

Acerca do pneu feminino (1), **então** (1), há um curioso paradoxo: é objeto que caiu em absoluto desuso, **mas** (1) todo mundo continua usando. Quem não é entusiasta da esteira elétrica **ou** (1) já nasceu com o selo-Gisele-da-magreza-sem-esforço, **ou** (1) cai de boca na liquidação de batinhas e (1) se espicha como pode na areia da praia. A maioria esmagadora de nós outras, **verdade seja dita** (1), é do time das batas – e (1) quer saber? Bate um bolão.

O pneu masculino é alvo de comentários depreciativos, **mas ainda** (1) ostenta larga vantagem em relação ao feminino. Apelidos carinhosos despistam a opinião crítica. A expressão “barriguinha de cerveja”, **por exemplo**, (1), pretende desviar a protuberância – que é do homem e ninguém tasca – para um objeto externo. **Como se** (1) a culpa fosse da latinha que não se agüenta intacta.

Outra coisa (1) comum, **sobretudo** (1) por volta dos 30 anos é o acusado alisar a própria barriga e (1) lamentar, entre suspiros:

Pois é... Casei deu nisso!

Culpa da mulher, que, misteriosamente, entope o pobrezinho de guloseimas e (1) o proíbe terminantemente de praticar esportes. (Nunca entendi a lógica desse raciocínio, **mas** (1) o número de sogras que engrossam o coro não nos deixam dúvida: a culpa sempre é da esposa, e (1) está acabado.).

Independentemente (1) de sexo, credo ou cor **o fato é que** (1), **salvo** (1) problemas sérios com a balança (pouco ou muito peso, ambos merecem atenção e tratamento adequado), a presença do pneu é **tão** (1) comum e **tão** (1) grave **quanto** (1) o aparecimento de uma espinha eventual. Uns lutam contra, outros deixam por isso mesmo.

Yes, nós temos pneus. **Pois** (1) o pneu da mulher brasileira – mais precisamente da carioca – deu de se desgovernar e foi parar nas páginas do New York Times. Beliscaram

*a nossa dobrinha, meninas. **Sim** (1), **porque** (1) a matéria era sobre a obesidade dos brasileiros, **mas** (1) a foto era clara: pneu de mulher na mira.*

*Eu sei que você **também** (1) não gostou. Ninguém gosta. Dá vontade de dar com o guarda-chuva na cabeça do jornalista que veio cutucar a cintura alheia.*

Sai pra lá! Tá pensando que eu sou o quê? Safado!!!

***Mas** (1) isso seria sair bombardeando o sujeito só **porque** (1) pode ser que – **talvez** (1), quem sabe? – Ele tenha lá escondido um arsenal de implicância conosco. **E nisso** (1), sorry nós aqui embaixo não somos muito bons.*

(Fonte: Bíbi da Pieve. Revista Época, N° 350, jan. 2005, p. 83).

Entre os mecanismos responsáveis pelo encadeamento e seqüenciação do texto estão assinalados em negrito e numerados com (1) os que correspondem a seqüenciação frástica e os numerados com (2) os correspondentes a seqüenciação parafrástica. Estes conectores se apresentam caracterizando situações diversas na progressão do texto, senão vejamos:

Conectores	Função apresentada e/ou relação
estabelecida	
via de regra	de conformidade
Até	argumentativa
e (infelizmente)	
e (compreensivelmente)	
inclusive	
acerca	
como se	
outra coisa	
sobretudo	
verdade seja dita	
independentemente	
o fato é que	
talvez (quem sabe)	
ou seja,	de explicação
pois (o pneu da mulher)	
mais tarde	de tempo
daí em diante	
ainda (no útero)	
na fase adulta	
contudo	de oposição
entretanto	
mas	
mas ainda (ostenta)	
mas (o número de sogras)	
mas (a foto)	
e (a verdade se revela)	de conclusão

e (quer saber)	
Portanto	
então	
Pois é...	
e (está acabado)	
também	
e nisso	
e (as indefectivas...)	de adição
e (se espicha)	
e (lamentar)	
e (o proíbe)	
Mas ainda (não deu conta)	de oposição, restrição ou contraste
E (dava)	de consequência
E (o cara)	
Ou... ou	de alternância
Por exemplo,	exemplificação
Salvo	restrição
Tão...tão... quanto	de comparação
Sim	constatação
Porque	de causa

Intencionalidade: refere-se ao modo como os emissores usam o texto para perseguir e realizar suas intenções, produzindo para tanto textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. É por esta razão que o emissor procura, de modo geral, construir seu texto de modo coerente e dar pistas ao receptor que lhe permitam construir o sentido desejado. Para tanto, o emissor vai mobilizar todos os outros fatores de textualidade, inclusive, dependendo do tipo de texto (científico, didático, expositivo etc.), utilizando os mecanismos de coesão (Koch, 1990, p. 79).

Exemplo



Qual a intenção do autor ao produzir esse texto sobre a Cerveja Skol? Que leitura você faz do texto, professor?
Observe os seguintes trechos:



Quando a agência de publicidade se refere ao **político**, por que ele faz alusão a Brasília? Por que ele colocou as setas indo e voltando?

Na **malhada**, o fator de intencionalidade se dá, quando o publicitário utiliza a seta com uma espessura mais avantajada, para mostrar os músculos da atleta. Já o **envergonhado**, destaca-se pela presença da cor vermelha, que simboliza a inibição.

No texto como um todo, qual é a verdadeira intenção da publicidade? Será que o título **Todo mundo bebe do seu próprio jeito** dá um indício ao leitor, para que ele consuma o produto?

Aceitabilidade: constitui-se a contraparte da intencionalidade. O postulado básico que rege a comunicação humana é o da cooperação, isto é, quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procuram calcular o sentido do texto do(s) interlocutor(es), partindo das pistas que ele contém e ativando seu conhecimento de mundo, da situação, etc. Assim, mesmo que um texto não se apresente, à primeira vista, como perfeitamente coerente e não tenha explícitos os elementos de coesão, o receptor vai tentar estabelecer a sua coerência, dando-lhe a interpretação que lhe pareça cabível, tendo em vista os demais fatores de textualidade (Koch, 1990, p. 80).

Exemplo: Voltemos ao exemplo anterior. A partir do momento em que o receptor entendeu que comprando a Skol ela vai descer redonda (suave, leve) e irá satisfazer o seu jeito próprio de ser, ele estará aceitando a intenção demonstrada pelo texto e comprará a cerveja.

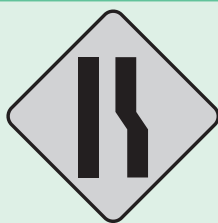
Situacionalidade: refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para dada situação de comunicação. Se a condição de

situacionalidade não ocorre, o texto tende a parecer incoerente, porque o cálculo de seu sentido se torna difícil ou impossível.

No texto oral, a coerência depende muito mais do contexto situacional do que no escrito, porque no oral os elementos da situação cooperam no estabelecimento das relações entre os elementos do texto em mais alto grau do que no escrito, sobretudo por haver muitas entidades evocadas situacionalmente e por ser decisiva a influência da situação no cálculo do sentido.

Uma evidência dessa dependência é a dificuldade que se encontra para interpretar fala gravada. Todavia, há casos de textos escritos muito dependentes da situação, como placas indicativas de direção, de silêncio em hospitais, indicativas de salas e seções em instituições diversas, etc. e que, inclusive, foram chamadas, pela teoria lingüística tradicional de frases de situação (Koch, 1990, p. 79).

Exemplo



Se o receptor não entender a situação, o texto será incoerente e ele poderá ser acidentado, já que se trata de um sinal de advertência – estreitamento de pista à direita.

Informatividade: diz respeito ao grau em que as informações são esperadas/conhecidas ou não (textos que não acrescentam nada ao senso comum são desinteressantes/textos que não apresentam suficiência de dados também têm problemas quanto a informatividade).

Um texto será tanto menos informativo, quanto mais previsível ou esperada for à informação por ele trazida. Assim, se contiver apenas informação previsível ou redundante, seu grau de informatividade será baixo; se, contiver, além da informação esperada ou previsível, informação não previsível, terá um grau maior de informatividade; se, por fim, toda a informação de um texto for inesperada ou imprevisível, ele terá uns graus máximos de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação. (Koch. 1990, p. 70-71).

Exemplo

Para quem é pai/mãe e para aqueles que o serão...
Texto de Affonso Romano de Sant'Anna

- 1 *Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos seus próprios filhos. É que as crianças crescem independentes de nós, como árvores tagarelas e pássaros estabanados. Crescem sem pedir licença à vida.*

- Crescem com uma estridência alegre e, às vezes, com alardeada arrogância. Mas não crescem todos os dias de igual maneira. Crescem de repente.*
- 5 *Um dia sentam-se perto de você no terraço e dizem uma frase com tal maturidade, que você sente que não pode mais trocar as fraldas daquela criatura. Onde é que andou crescendo aquela danadinha que você não percebeu? Cadê a pazinha de brincar na areia, as festinhas de aniversário com palhaços e o primeiro uniforme do Maternal?*
- 10 *A criança está crescendo num ritual de obediência orgânica e desobediência civil. E você está agora ali, na porta da discoteca, esperando que ela não apenas cresça, mas apareça! Ali estão muitos pais ao volante, esperando que eles saiam esfuziantes sobre patins e cabelos longos, soltos. Entre hambúrgueres e refrigerantes nas esquinas, lá estão nossos filhos com o uniforme de sua geração: incômodas mochilas da moda nos ombros. Ali estamos, com os cabelos esbranquiçados. Esses são os filhos que conseguimos gerar e amar, apesar dos golpes dos ventos, das colheitas, das notícias, e da ditadura das horas. E eles crescem meio amestrados, observando e aprendendo com nossos acertos e erros. Principalmente com os erros que esperamos que não repitam.*
- 15 *Há um período em que os pais vão ficando um pouco órfãos dos próprios filhos. Não mais os pegaremos nas portas das discotecas e das festas.*
- 20 *Passou o tempo do ballet, do inglês, da natação e do judô. Saíram do banco de trás e passaram para o volante de suas próprias vidas. Deveríamos ter ido mais à cama deles ao anoitecer para ouvir sua alma respirando conversas e confidências entre os lençóis da infância, e os adolescentes cobertores da-*
- 25 *quele quarto cheio de adesivos, pôsteres, agendas coloridas e discos ensurdecedores. Não os levamos suficientemente ao Playcenter, ao Shopping, não lhes demos suficientes hambúrgueres e cocas, não lhes compramos todos os sorvetes e roupas que gostaríamos de ter comprado. Eles cresceram sem que esgotássemos neles todo o nosso afeto. No princípio subiam a serra ou iam à casa de praia entre embrulhos, bolachas, engarrafamentos, natais, páscoas, piscina e amiguinhos.*
- 30 *Sim, havia as brigas dentro do carro, a disputa pela janela, os pedidos de chicletes e cantorias sem fim. Depois chegou o tempo em que viajar com os pais começou a ser um esforço, um sofrimento, pois era impossível deixar a turma e os primeiros namorados.*
- 35 *Os pais ficaram exilados dos filhos. Tinham a solidão que sempre desejaram, mas, de repente, morriam de saudades daquelas "pestes".*
- Chega o momento em que só nos resta ficar de longe torcendo e rezando muito (nessa hora, se a gente tinha desaprendido, reaprende a rezar) para que eles acertem nas escolhas em busca de felicidade.*
- 40 *E que a conquistem do modo mais completo possível.*
- O jeito é esperar: qualquer hora podem nos dar netos. O neto é a hora do carinho ocioso e estocado, não exercido nos próprios filhos e que não pode morrer conosco. Por isso os avós são tão desmesurados e distribuem tão incontrolável carinho. Os netos são a última oportunidade de reeditar o nosso afeto. Por isso é necessário fazer alguma*
- 45 *coisa a mais, antes que eles cresçam.*
- Aprendemos a ser filhos depois que somos pais. Só aprendemos a ser pais depois que somos avós..."*

(ROMANO. A. Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos seus próprios filhos)
(Disponível em <http://www.geocities.com/artuso.geo/prosa.htm>. Acesso em 6 de agosto de 2005).

Quando Afonso Romano de Santana abre o texto com a seguinte frase: **Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos seus próprios filhos**, surpreende o leitor, pelo grau de informatividade que a frase apresenta, além de permitir inúmeras inferências, que vão sendo desvendadas no decorrer da leitura.

Intertextualidade: está ligada à relação com outros textos, sem a qual um determinado discurso não faria sentido. A intertextualidade pode ser de forma ou de conteúdo.

- **Intertextualidade de Forma:** ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso.

Exemplos:

Canção do exílio de Gonçalves Dias x *Canção do exílio* de Murilo Mendes.

- 1) *Gonçalves Dias:*
"Minha terra tem palmeiras,
onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá".
- 2) *Murilo Mendes:*
"Minha terra tem macieira da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza
Os poetas de minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações".

Intertextualidade de Conteúdo: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, dialogam uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira implícita ou explícita.

- a) **Explícita:** as matérias jornalísticas de um mesmo dia ou de uma mesma semana – quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.
- b) **Implícita:** tomemos como exemplo o texto abaixo:

"É verdade que o presidencial X tem um discurso interessante, como afirmam muitos analistas políticos. No entanto, se examinarmos mais a fundo seus pronunciamentos, verificamos que ele não tem um projeto consistente de governo".

O reconhecimento do texto-fonte e dos motivos de sua reapresentação, no caso da intertextualidade implícita, é, como se vê, de grande importância para a construção do sentido de um texto.

Professor(a), as atividades a seguir são resultados de todos os assuntos estudados neste módulo e que podem ser aplicados em sua sala de aula.



Atividades

1. Produzir um texto em dois parágrafos, observando o seguinte:

- 1) No 1º parágrafo:
 - a) a extensão do parágrafo
 - b) reiteração do termo veiculador da idéia básica
 - c) reiteração de termos veiculadores da estrutura sintática
 - d) verbo no pretérito imperfeito do indicativo
 - e) reiteração do conteúdo semântico (adj.sinônimo)

No 2º parágrafo: introdução de um fato novo, iniciado por um termo de ligação.

Exemplo:

"Levava uma vida comum, igual à de tantos outros "Josés". Levantava ainda escuro para se espremer nas tantas lotações com tantos outros "Josés". Há muito tempo seu café da manhã era um "estômago vazio" que seguia sonhando com banquetes e fartura. Chegava ao trabalho e misturava sua angústia com a de seus colegas, companheiros de dor. Todos eram peças da mesma engrenagem, todos agiam mecanicamente, não se discutia, não se questionava...

Até que algo, modificando sua rotina, aconteceu. Uma carta, surgindo de onde, Deus sabe, trazia a notícia que José era o único herdeiro de um parente que nem mesmo ele sabia que existia. A expectativa se formou. Em minutos, o refeitório ficou lotado. Quando tudo começou, olharam para José, e lá, ele, caído no chão, morto, sorrindo..." (Adriana Holanda. Letras – manhã – 20/5/93).

2. Produzir um texto, com os seguintes dados:

- a) mudança para o primeiro plano
- b) elipse de termos ou expressões
- c) recorrência de estrutura sintática
- d) anáfora
- e) mudança de atitude comunicativa
- f) recorrência de termos
- g) catáfora
- h) mudança de perspectiva

3. Logo em seguida, aponte-os no texto produzido.

"Tudo corria bem, (a) **até que um dia surgiu** um fato novo e inesperado. Apareceram na porta de D. Lucília um rapaz e uma moça, ambos filhos do coronel com uma outra mulher. A princípio (b) **Ø** não quis acreditar, mas, aqueles dois não eram um boato e sim as próprias provas de que fora enganada. No entanto, não perdeu (c) **nem a calma, nem a compostura e nem a esperança** de que tudo fosse um triste engano e esperou resignada pela volta do marido.

À noitinha, como de costume, o coronel chegou, dirigiu-se a sala e estancou pálido ao reconhecer as faces de seus dois filhos bastardos e só depois de alguns instantes estático, olhou assustado para sua **esposa** e não (d) **a** reconheceu, pois viu no seu olhar apenas o desespero e indignação no lugar da compreensão e amizade de sempre. Para D. Lucília a reação do marido lhe confirmava tudo. (e) **Às vezes, vivemos com uma pessoa a quem julgamos conhecer durante anos e anos e, quando menos se espera, ela mostra um lado que nós jamais imaginávamos que existisse** e diante de tal decepção ou nos anulamos em nome do amor ou nos entregamos de vez à solidão.

Diante (g) **daquilo, a cena de reencontro entre pai e filhos**, D. Lucília não agüentou: pediu desculpas, alegando uma forte dor de cabeça e recolheu-se. Após o jantar, o coronel já mais calmo, foi até o seu quarto para se explicar, mas, ao entrar, encontrou D. Lucília debruçada aos pés da imagem de Nossa Sra das Dores. Correu para perto e, ao segurá-la, percebeu um pequeno punhal cravado mortalmente no seu peito. Ao constatar o suicídio da mulher, o coronel foi tomado de desespero e culpa e começou a (f) **gritar, gritar** ! Logo todos da casa já sabiam do que acontecera e foi aí que encontraram sobre a cômoda um bilhete onde a falecida desabafava sua dor: " Afinal, os boatos apresentam-nos as suas provas! Meus filhos, perdoem-me pelo ato que (h) **cometi, mas eu não agüentaria viver neste mar de mentiras. Por isso eu mesma decidi** acabar com o sofrimento e vergonha a que fui exposta. Mais uma vez peço perdão a vocês e a Deus. Sempre estarei presente no coração de vocês e vocês no meu!"

(Tânia Antunes Dourado – Letras – tarde – 7/12/92)

4. Veja agora uma análise feita pela Professora Irene Nogueira Eduardo, do Curso de Letras da UECE (1995) sobre o texto *Menor Abandonado* – de Cora Coralina que você poderá aplicar à sala de aula.

No poema de Cora Coralina *Menor Abandonado*, não há só recorrência do conteúdo semântico marcada pela seleção lexical de adjetivos, mas também recorrência de estruturas sintáticas (paralelismo), de termos, seleção lexical de palavras sinônimas ou quase sinônimas, de metáforas, reticências, metonímia.

Passemos a analisar o poema para detectarmos os possíveis recursos lingüísticos utilizados pela poetisa, como meio de deixar fluir o texto, de acordo com a mensagem a que ela se propôs.

Menor Abandonado

*De onde vens, criança?
Que mensagem trazes do futuro?
Por que tão cedo esse batismo impuro
que mudou teu nome?*

*Em que galpão, casebre, invasão, favela,
ficou esquecida tua mãe?...
E teu pai, em que selva escura
se perdeu, perdendo o caminho
do barraco humilde?*

*Criança periférica rejeitada...
Teu mundo é um submundo
Mão nenhuma te valeu na derrapada.*

*Ao acaso das ruas – nosso encontro
És tão pequeno... eu tenho medo.
Medo de você crescer, ser homem
Medo da espada de teus olhos...
Medo da tua rebeldia antecipada
Nego a esmola que me pedes
Culpa-me tua indigência inconsciente*

*Revolta-me tua infância desvalida
Quisera escrever versos de fogo
e sou mesquinha
Pudesse eu te ajudar, criança-estigma
Defender tua casa, cortar tua raiz
Chagada...*

(CORALINA, C. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. Goiânia: UFG, 1980, p. 61-62)

Na 1ª estrofe, verifica-se que a poetisa faz algumas indagações à criança, talvez com o propósito de direcionar o leitor para o protagonista do poema. Nos versos 3 e 4, já podemos sentir a recorrência do conteúdo semântico na progressão do seu texto, quando assim se expressa:

"Por que tão cedo esse batismo impuro que mudou seu nome?"

Nas estrofes que se seguem a recorrência semântica continua marcada pela seleção lexical de adjetivos e termos quase sinônimos:

- Termos quase sinônimos: **"Em que galpão, casebre, invasão, favela, barraco humilde..."**

- Seleção Lexical de Adjetivos: "...selva escura, criança periférica, rejeitada, indigência inconsciente, infância desvalida, criança – estigma, raiz chagada"

- Recorrência de Termos – Reiteração de um mesmo Item Lexical: Na 4ª estrofe, nos versos 15, 16, 17, Cora Coralina diz ter medo. Com a repetição do mesmo item lexical, ela expressa o medo em vários níveis: o medo do amanhã – como uma consequência do que é agora; o medo da linguagem dos olhos, porque o menor abandonado denuncia o adulto e o medo da rebeldia antecipada porque no presente ela já é capaz de matar, viciar-se em drogas, roubar, prostituir-se.

- Recorrência de Estrutura Sintática – Paralelismo Sintático:

"Medo de você crescer, ser homem

Medo da espada de teus olhos...

Medo da tua rebeldia antecipada"

A progressão da poesia foi feita na 4ª estrofe, utilizando-se a poetisa de uma mesma estrutura sintática. O mesmo ocorre, com os versos seguintes, onde Cora Coralina, ao invés de repetir o substantivo, deu progressão à poesia com a mesma estrutura sintática, encabeçada por verbos:

"Nego a esmola que me pedes
Culpa-me tua indigência inconsciente
Revolta-me tua infância desvalida
Quisera escrever versos de fogo
e sou mesquinha
Pudesse eu te ajudar, criança-estigma
Defender tua casa, cortar tua raiz-chagada

- Metáforas: "Selva escura, batismo impuro, espada de teus olhos, versos de fogo, criança-estigma, cortar sua raiz chagada.

- Metonímia: "Mão nenhuma te valeu na derrapada". Mão = Pessoa

- Intertextualidade: Nas relações entre textos, a intertextualidade está presente na literatura, na canção popular, na poesia, no telejornal, na imprensa escrita, no discurso político, etc.

De acordo com Claude Duchet (1971, p. 32), não existem textos "puros", porque já outros textos foram produzidos anteriormente, seja em relação à forma, ou em relação ao conteúdo, tanto na literatura, quanto no discurso político, na canção popular, na poesia, na imprensa falada e escrita.

Como exemplificação da intertextualidade na forma, temos na literatura os escritores da geração de 30, com a temática regionalista presente nos livros: *A Bagaceira* de José Américo de Almeida, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *O Quinze* de Raquel de Queiroz, *Os Corumbás* de Armando Fontes. Neles, encontramos os temas: a seca e os retirantes anteriormente abordados por Euclides da Cunha, na obra *Os Sertões*.

Vejamos: **Os Sertões** – Euclides da Cunha

"De repente, uma variante trágica.

Aproxima-se a seca.

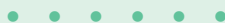
O sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desenca-deia o flagelo (...)

Os sintomas do flagelo despontam-lhe, então, encadeados em série, sucedendo-se inflexíveis, como sinais comemorativos de uma modéstia cíclica da estação assombradora da Terra. Passam "as chuvas do caju" em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; e pintam as caatingas, aqui, ali, por toda a parte, mosqueadas de tufos pardos de árvores marcescentes, cada vez mais numerosos e maiores, lembrando cinzeiros de uma combustão abafada, sem chamas; e greta-se o chão; e abaixa-se vagarosamente o nível das cacimbas.... (....)

É o prelúdio da sua desgraça.

Vê-o acentuar-se, num crescendo, até dezembro."

(CUNHA, E. Os Sertões. p. 127-128).



"Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade sequer de chuvas. A casca dos mariseiros não transuda, renunciando-as. O nordeste persiste intenso, rolante, pelas chapadas, zunindo em prolongações uivadas na galhada estrepitante das caatingas e o sol alastra, reverberando no firmamento claro, os incêndios inextinguíveis da canícula. O sertanejo, assoberbado de reveses, dobra-se afinal.

Passa certo dia, à sua porta, a primeira turma de retirantes.

Vê-a, assombrado, atravessar o terreiro, miseranda, desaparecendo adiante numa nuvem de poeira, na curva do caminho... No outro dia, outra. E outras. É o sertão que se esvazia.

Não resiste mais. Amatula-se num daqueles bandos, que lá se vão caminho em fora, debruando de ossadas as veredas, e lá se vai ele no êxodo penosíssimo para a costa, para as serras distantes, para quaisquer lugares onde o não mate o elemento primordial da vida."

(CUNHA, E. Os Sertões. p.131-132)

A Bagaceira – José Américo de Almeida

"Homens do sertão, obcecados na mentalidade das reações cruentas, não convocavam as derradeiras energias num arranque selvagem. A história das secas era uma história de passividades.

Limitavam-se a fitar os olhos terríveis nos seus ofensores. Outros ronronavam, como se estivessem engolindo golfadas de ódio.

E nas terras copiosas, que lhes denegavam as promessas visionadas, goravam seus sonhos de redenção (...)

A seca representava a valorização da safra. Os senhores de engenho, de uma avidez vã, refaziam-se da depreciação dos tempos normais à custa da desgraça periódica (...)

À vista do bueiro fumegante que sujava o céu estivo, a matula espectral detinha-se esperançosa. E ficava a espiar a casa do engenho como uma grande essa armada no negrume do teto velho."

(ALMEIDA, José Américo de. A Bagaceira. 26 ed, Rio de Janeiro; José Olímpio, 1988, p.5).

• • • • •

"Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos – esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor da covas podres.

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.

Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados.

Fugiam do sol e o sol guiava-os nessa força do nomadismo.

Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando. Vinham escoteiros. Menos os hidrópicos – doentes da alimentação tóxica – com os fardos das barrigas alarmantes.

Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais."

(ALMEIDA, J. A. A Bagaceira. 26 ed, Rio de Janeiro; José Olympio, 1988, p. 4).

Vidas Secas – Graciliano Ramos

"Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhada. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto (...)"

(RAMOS, G. Vidas Secas. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 23).

"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça. Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. (...)

E a viagem prosseguiu mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande."

(RAMOS, G. Vidas Secas. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 9-10).

O Quinze – Raquel de Queiroz

"Encostado a uma jurema seca, de frente ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado.

Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão (...).

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas do chão que estalavam como papel queimado.

O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada.

Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza.

E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos."

(QUEIROZ, R. O Quinze. 56 ed. São Paulo: Siciliano, 1997. p. 5-7-8)

• • • • •

"O pequeno ia no meio da carga, amarrado por um pano aos cabeçotes da cangalha. De vez em quando, levava a mãozinha aos olhos, e fazia Rah! Rah! Ah! Ah! numa enrouquecida tentativa de choro.

Cordulina chegava-se à burra para o consolar, ajeitava-lhe o chapéu de pano na cabeça, até que um dos menores gritava:

– Olha, mãe! Os pés da zabelinha! Olha o coice!

Chico Bento fechava a marcha, com o cacete ao ombro, do qual pendia uma trouxa (...)

Debaixo de um juazeiro grande, todo um bando de retirantes se arranchara: uma velha, dois homens, uma mulher nova, algumas crianças."

(QUEIROZ, R. O Quinze. 56 ed. São Paulo: Siciliano, 1997 p. 25-26).

Os Corumbás – Armando Fontes

"Setembro já fora escasso de chuvas. Os camboeiros do São Francisco, infalíveis em outubro, falharam dessa vez. É assim, sem que do céu pingasse uma só gota d'água, chegou-se a março.

– Se não chover agora, vamos ter seca, e da braba! – exclamavam os sertanejos, temerosos.

Mas, ainda na primeira semana desse mês, os ventos, que vinham soprando invariavelmente do Nordeste, cambiaram de repente para o Sul. Bandos de nuvens negras, açoitadas com extrema violência deram de percorrer o espaço em todos os sentidos."

(FONTES, A. Os Corumbás. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1988, p. 3)



"Tão violenta foi a seca de 905, que o cupim cresceu e secou no leito estorricado dos ribeiros. Assolou tudo, matou tudo!

João Piancó, doente, não pode salvar as reduzidas criações. E morreu de desgosto.

Geraldo, a esse tempo, tinha já três filhos. Lutou contra a miséria o quanto pode. Josefa o ajudava dia e noite.

Mas tiveram de desanimar, como outros tantos. Perceberam que só lhes restava o recurso de desertar, fugir para sempre daquele torrão maldito.

Arrumaram alguns objetos indispensáveis, as poucas roupas que ainda tinham, e puseram-se na estrada.

Destino certo, não levavam. A Cotinguiba, o vale rico do Japaratuba, qualquer lugar onde houvesse água e onde não se morresse de fome.

Foram andando, foram andando...

O Engenho Ribeira, no município da Capela, estava acolhendo retirantes. Pediram pouso, e ali ficaram."

(FONTES, A. Os Corumbás. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1988, p. 8-9).



Glossário

Aleatoriamente: que depende da circunstância, do acaso.

Anafórica: Forma remissiva que aponta para trás.

Catafórica: Forma remissiva que aponta para frente.

Configuração: A definição de um morfema léxico por uma série de traços distintivos.

Desconexo: Desligado, desunido, incoerente.

Destoante: Discordante, divergente.

Endofórica: Formas referenciais que se encontram dentro do texto.

Enunciados: Exposição, explicação.

Exofórica: Formas referenciais que se encontram fora do texto.

Formas Remissivas: Elementos linguísticos que fazem remissão, referência.

Forma Referencial: Um elemento do texto representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado.



Leitura Orientada

DIJK. T. A. V. *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo: Contexto, 2001. Apresenta textos que discutem problemas fundamentais da análise do discurso e do texto, como as questões ligadas à compreensão, recordação, sumarização e produção de textos, à busca de um modelo estratégico de processamento de discurso e às estruturas das notícias na imprensa. A coletânea, organizada por Ingedore Villaça Koch, encerra com uma previsão do futuro em que o discurso terá papel fundamental e ainda aponta as inúmeras perspectivas de pesquisa sobre texto/discurso, não só na Linguística como também na sociologia, na psicologia, no direito, na história, entre outros.

DISCINI.N. *A Comunicação nos Textos*. São Paulo: Contexto, 2000. O mundo de hoje exige que todos saibam escrever. A comunicação nos textos tem por tarefa, exatamente, ensinar as pessoas a escrever com propriedade, a partir da análise de textos diversos e de uma série de exercícios que são propostos ao longo de dez lições magistrais. É verdade que não há receitas prontas para se ensinar a escrever, mas não se pode exigir que simples mortais tenham que ler toda a literatura mundial antes de se arriscarem a escrever uma frase. O importante é fazer com que o leitor esteja apto a decodificar cada texto lido, saiba encontrar as mensagens explícitas e implícitas e, a partir disso, consiga construir o seu próprio texto.

FÁVERO. L. L. *Coesão e Coerência Textuais*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. O que é texto? Como distinguir um texto bem elaborado de meros aglomerados de palavras? Qual a função de seus diversos elementos lingüísticos? Neste livro, a autora dois dos fatores de textualidade – Coesão e Coerência – procurando tornar explícitos esses mecanismos, valendo-se de exemplos da obra de autores como Carlos Drummond de Andrade, Luís Fernando Veríssimo entre outros.

FIORIN. J. L.; PLATÃO. F. *Para Entender o Texto: Leitura e Redação*. São Paulo: Ática, 1990.

Uma proposta inovadora de trabalho com textos. A teoria sobre os principais mecanismos de construção textual é mostrada na prática em textos comentados. Em cada lição, um texto seguido de questões serve de roteiro de análise sob os aspectos estudados. Uma proposta de redação finaliza cada unidade, sempre com um tema instigante.

KOCH, I. V. ; TRAVAGLIA. L. C. 14. ed. A Coerência Textual. São Paulo: Contexto, 2001.

A obra expõe a constituição dos sentidos nos textos e seus fatores, tais como os elementos lingüísticos, o conhecimento do mundo, as inferências e a situação. Um de seus capítulos é dedicado ao registro de como a análise da coerência textual pode auxiliar no trabalho do professor no ensino da língua. Os autores apresentam ampla bibliografia comentada para os interessados em se aprofundar nesse campo.

KOCH, I. V. 17. ed. A Coesão Textual. São Paulo: Contexto, 2001.

Neste livro, a professora titular da UNICAMP, faz uma introdução à Lingüística Textual. O livro identifica os mecanismos constitutivos do texto e examina, a partir deles, as classes de palavras e de sentenças, os conectivos, os processos de ordenação e de retomada do tema, os tempos verbais, entre outros fenômenos. Os exemplos e os comentários ajudam o leitor a observar, de um novo ângulo, elementos da linguagem habitualmente apresentados dentro dos limites da sentença, o que obscurece a sua real dimensão. Esta "descoberta" faz da leitura desse livro uma atividade muito estimulante e proveitosa para alunos de Letras e professores de Língua Portuguesa em geral.

KOCH, Ingedore Villaça. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1998.

A autora encara a linguagem como lugar de interação dos membros de uma sociedade que leva ao estabelecimento de vínculos e compromissos. Este livro tem como objetivo de estudo seqüências textuais ou textos inteiros e procura descrever e explicar a capacidade do ser humano de interagir socialmente por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais variados resultados.

KOCH, I. V. Desvendando os Segredos do Texto. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

Este livro apresenta ao público-leitor interessado em questões de texto e linguagem algumas das reflexões que vem constituindo, nos últimos anos, o foco de atenção dos pesquisadores na área de Lingüística Textual – as questões relativas à construção textual dos sentidos, quer em se tratando de produção como de compreensão de texto.

KOCH, I. V. O texto e a construção do sentido. São Paulo: Contexto, 2000. Estuda as atividades discursivas e suas marcas na materialidade lingüística. Este livro trata das questões gerais relativas à produção do sentido comuns às modalidades escrita e falada e ainda se detém no estudo da construção dos sentidos no texto falado. Mais uma obra indispensável para professores e estudantes.

Ficha Técnica

Autoras:

Maria Antonieta Hollanda Carvalho: Licenciada em Letras e especialista em Língua Portuguesa, tendo cursado disciplinas do Mestrado em Lingüística. Professora da rede estadual e da UECE e autora com farta produção de material didático-pedagógico. Atua na área de formação de professores.

Maria Irene Rodrigues de Lima: Licenciada em Letras e especialista em Ensino de Língua Portuguesa, tendo cursado disciplinas do Mestrado em Lingüística. Professora da rede municipal de Fortaleza e da UECE. É autora de material didático-pedagógico e atua na área de formação de professores.

Consultora:

Maria do Socorro Silva de Aragão: Licenciada em Letras, com mestrado, doutorado e pós-doutorado em Lingüística. Atua como Professor Visitante na Central Connecticut State University, USA e como Professor Visitante na Universidade Federal do Ceará. É autora de várias obras científicas e didático-pedagógicas.

Este livro foi composto na fonte Arial, corpo 10, e Palatino, corpo 10; 11,5; 13; 14; 15.
O miolo foi impresso em papel off-set 75g/m² e a capa em cartão supremo 250g/m².
Editoração Eletrônica, impressão e acabamento nas Edições Bagaço em 2006